

**Luciano Bedin da Costa**  
Psicólogo, doutor em educação, docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. <https://orcid.org/0000-0002-6350-2644>, [bedin.costa@gmail.com](mailto:bedin.costa@gmail.com)

**Laura Barcellos Pujol de Souza**  
Psicóloga, doutora em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI-UFRGS) e editora do jornal O Onírico. <https://orcid.org/0000-0001-8834-2133>, [barcelloslaura@gmail.com](mailto:barcelloslaura@gmail.com)

**Fernanda Lopes Fetter**  
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora do Centro Integrado de Desenvolvimento. <https://orcid.org/0009-0006-1475-9191>, [fernandalopesfetter@gmail.com](mailto:fernandalopesfetter@gmail.com)

**Victoria Menegat Meneguzzi**  
Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista de Iniciação Científica no projeto O Onírico. <https://orcid.org/0009-0002-5528-8964>, [vmenegat2001@gmail.com](mailto:vmenegat2001@gmail.com)

# Por que não os sonhos? Rastros de uma oficina onírica

## *Dreams, why not? Unraveling the trails of a oneiric workshop*

**Resumo:** Este artigo apresenta os rastros de uma oficina de sonhos realizada em 2023 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Tal oficina fez parte do Salão de Extensão, sendo ministrada a 20 estudantes e comunidade acadêmica, que produziram um jornal com os sonhos compartilhados no grupo. Durante a oficina percebemos o quanto os sujeitos se mobilizam quando se colocam a produzir a partir do relato de seus sonhos, bem como da leitura e escuta dos sonhos dos outros, denotando a criação de um espaço comum em que a autoria individual é o que pareceu menos importar. Tal experiência fez parte do projeto de extensão O Onírico: o primeiro jornal oniropolítico do Brasil e do projeto de pesquisa Ainda Sonhar: rastros oníricos de nosso tempo, os quais têm se caracterizado pela edição impressa e digital do referido jornal, abrindo um espaço para que os sonhos possam também contar e problematizar os acontecimentos de nosso tempo, rompendo com a lógica de que somente o que pode ser registrado na vigília é que tem valor de verdade.

**Palavras-chave:** Sonhos; Oficina; Jornal.

**Abstract:** *This article showcases the outcomes of a workshop concerning dreams held at the Federal University of Rio Grande do Sul - UFRGS in 2023. The workshop was part of the Extension Salon and was attended by 20 students and members of the academic community, which produced a newspaper with the dreams shared by the group. Throughout the workshop it became evident how much the students were engaged as they started producing based on the description of each other's dreams, as well as the reading and listening to the dreams of others, fostering a sense of collective creation where individual authorship seemed to matter less. Such experience was part of the extension project O Onírico: o primeiro jornal oniropolítico do Brasil and the research project Ainda Sonhar: rastros oníricos de nosso tempo, which have been characterized by the printed and digital edition of the mentioned newspaper, providing a space in which dreams can also articulate and discuss the events of our time, challenging the idea that only waking life experiences hold truth value.*

**Keywords:** *Dreams; Workshop; Newspaper*

## Por que não o sonho?

E se sonhássemos com um jornal feito apenas de sonhos? E se, ao invés de “fatos reais”, fôssemos cotidianamente informados por “fatos oníricos”? Será que há sentido em atribuímos o estatuto de real somente ao que se passa na vigília, quando, supostamente, o mundo está consciente de si mesmo? Será que estamos mesmo conscientes de nós mesmos em meio a tantas guerras, desigualdades e desastres ambientais?

“Tudo o que ocorre no sonho é considerado como algo que aconteceu ou que poderá acontecer. E, a depender do conteúdo onírico, isso pode afetar a vida de quem sonhou ou mesmo de toda a comunidade”, escreve Limulja (2022, p.60), a partir da delicada experiência de encontro com os sonhos Yanomami. Mas qual o tempo e o espaço que dedicamos ao sonho? “Eu nem sonho, eu nem tenho tempo para sonhar”, foram as palavras de uma amiga quando perguntamos a ela com o quê sonhava. O pesquisador Jonathan Cray (2014) analisou os impactos dos modos de vida excessivamente exaustivos das rotinas 24/7 (trabalhar 24h por dia, 7 dias por semana) e dos regimes 996 (trabalhar das 9h da manhã às 9h da noite, 6 dias por semana), bem como as suas consequências para o sono e para a qualidade do descanso. Segundo Cray, dormimos cerca de duas a três horas a menos do que dormíamos há 100 anos. Essa reflexão inclina nosso pensamento também acerca da experiência onírica de outros seres, uma vez que o sonho e o sonhar não são uma faculdade reservada somente aos humanos, pois quase todas as espécies animais são capazes de sonhar – mamíferos, aves, répteis, golfinhos, polvos... O neurocientista Sidarta Ribeiro, em alguns estudos acerca do sonho, afirma que provavelmente os dinossauros também sonhavam, uma vez que esses são os “ancestrais” das aves, répteis e animais mari-

**Juliana Mello Santana**  
Designer, graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista de extensão do projeto O Onírico. <https://orcid.org/0009-0007-5622-9583>, [julnmello@gmail.com](mailto:julnmello@gmail.com)

**Isabella Golle Giuliani**  
Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://orcid.org/0009-0002-9207-0681>, [isabella.giuliani2011@gmail.com](mailto:isabella.giuliani2011@gmail.com)

**Luiza de Azevedo Schnitzer**  
Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://orcid.org/0009-0005-3003-0715>, [luizaschnitzer@gmail.com](mailto:luizaschnitzer@gmail.com)

nhos (Ribeiro, 2019). Numa escala temporal, isso nos coloca diante de mais de 200 milhões de anos de sonhares.

Mesmo fazendo parte do mundo há milhões de anos, como mobilizar uma comunidade engajada em sonhar e em relatar seus sonhos? Com uma perspectiva cartográfica, nos debruçamos sobre questões que envolvem o tempo para o sonho e para o descanso, reivindicando um espaço para o sonhar dentro da lógica produtivista e colonialista que permeia a contemporaneidade. Se o contemporâneo é isso “que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (Agamben, 2009, p. 62), talvez haja mesmo sentido em deslocar o olhar para o mundo onírico, apostar em um estrabismo cognitivo que nos permita investigar as atrocidades da vidência, lançando o olhar ao que nela, justamente, não se vê.

O conceito de "real" dentro da cosmovisão indígena do sonhar, como observado na experiência Yanomami descrita por Limulja (2022), difere significativamente das abordagens ocidentais e surrealistas dos sonhos. Enquanto o surrealismo europeu, por exemplo, se ocupa de explorar o inconsciente de maneira artística e muitas vezes fragmentada, as cosmovisões indígenas percebem o sonho como um evento comunitário e profético, dotado de um poder que transcende o sonhador individual e afeta o grupo como um todo. Essa perspectiva desafia a noção ocidental de realidade, onde o valor é frequentemente atribuído apenas ao que é mensurável e observável na vigília.

Na tradição ocidental, o "real" é frequentemente delimitado ao que pode ser percebido pelos sentidos e validado empiricamente. Jonathan Crary (2014) explora como o capitalismo tardio intensifica a valorização da vigília contínua e da produtividade incessante, resultando na diminuição do tempo dedicado ao sono e, conseqüentemente, à experiência onírica. Esse regime 24/7 não apenas minimiza o descanso, mas também marginaliza o sonho, visto como uma atividade

de "não-produtiva" e, portanto, menos real ou relevante no contexto social e econômico contemporâneo. Crary nos alerta que, ao priorizar a vigília e a eficiência, nossa sociedade coloca o sonho num espaço de desvalorização, relegando-o ao domínio do inconsciente, onde o que ocorre nos sonhos é visto como menos "real" ou significativo.

A exigência de produtividade acaba por nortear nossas ações e noções de valor no mundo ocidental dito civilizado, nos colocando diante de uma suposta racionalidade que é sobre-estimulada e supervalorizada. Em outras palavras, diríamos que o sonho do sujeito ocidental é o de nunca dormir. Parece-nos, assim, que o sonho ocupa um lugar semelhante à poesia, à arte, à contemplação – são espaços de pausa diante de um mundo “doente de velocidade” (Abenshushan, 2020) e “indescansável” (Patzdorf, 2022). Se, ainda que adoecida, a sociedade do contemporâneo questiona o tanto de horas em que “perdemos tempo” dormindo, neste artigo lançamos uma contrapergunta: por que não o sonho?

#### **Por que não o sonho na universidade?**

Na companhia das questões acima levantadas é que construímos o projeto de doutorado *Ainda sonhar: rastros oníricos de nosso tempo*, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Como desdobramento da pesquisa, criamos o projeto de extensão *O Onírico – o primeiro jornal onipolítico do Brasil*, atualmente (março de 2024) na quinta edição. A proposta de organização de um jornal de sonhos é uma tentativa de trazer os sonhos para um lugar de maior visibilidade na vida cotidiana das pessoas. Os nossos jornais e noticiários tradicionais, embora tragam notícias advindas de acontecimentos sociais e políticos, acabam desprezando os acontecimentos oníricos das 8 bilhões de pessoas que sonham a cada noite

no nosso planeta. Consideramos que, muitas vezes, a dimensão onírica ocupa um lugar importante na constituição subjetiva das pessoas, mas a tradição cultural de dividir sonhos acaba sendo negligenciada quando se trata de publicizar esta experiência. Sonhos são contados no café da manhã, ou mesmo para um psicanalista, mas não ocupam espaço no imaginário coletivo como uma notícia comum. Assim, a justificativa do projeto encontra ressonância no desejo de que os sonhos possam ocupar outros espaços e se tornar uma matéria/material a ser acessado e lido, compartilhado. Trata-se de dar um espaço de visibilidade para a cultura de compartilhar sonhos.

A primeira versão do *O Onírico* surgiu em 2019, feita com colagens de sonhos entrecortando notícias do *Correio do Povo*, um dos jornais diários mais antigos em circulação no país, com quase 130 anos de existência. O protótipo do que viria ser *O Onírico* foi fruto de uma desconstrução analógica, produzido em meio a tesouras, colas e folhas de jornal. Neste mesmo ano realizamos a primeira oficina onírica em um curso destinado à obra de Qorpo Santo, escritor, dramaturgo e tipógrafo nascido no interior do Rio Grande do Sul que, dentre as inúmeras obras produzidas, foi autor de *Ensiqlopèdia: ou seis meses de uma enfermidade*, uma coleção composta por nove volumes, publicada entre 1868 e 1873. Ao longo dos nove livros encontramos uma diversidade de gêneros literários (peças de teatro, crônicas, contos e poesias, além de uma proposta de reforma ortográfica), sendo considerada por muitos uma precursora do próprio surrealismo, que veio a surgir na França quase trinta anos depois (Fraga, 1998). Para a realização de nossa primeira oficina onírica nos inspiramos na *Ensiqlopèdia*, sendo que, assim como no protótipo, trabalhamos com uma edição do jornal *Correio do Povo*, que veio a se chamar *Qorreio do Ovo*. A narrativa jornalística – linear e factual – deu lugar a uma colagem/montagem com/entre sonhos e notícias produzidas pelos dez

participantes da oficina, que passaram a noite conosco inventariando e inventando notícias oníricas.



Figura 1. Capa do jornal. Fonte: Autoria da equipe do *O Onírico*

Tendo passado pela experiência do protótipo e do *Qorreio do Ovo*, em 2021 – em meio à pandemia de Covid-19 – trabalhamos na publicação da primeira edição de *O Onírico: o primeiro jornal oniro-político do Brasil*, contando com uma equipe constituída por uma dou-



Figura 2. Capas das três primeiras edições do *O Onírico*. Fonte: Autoria da equipe *Onírico*.

toranda em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, um docente vinculado a este programa e cinco bolsistas, além de colaboradores externos. Desde sua criação, a proposta tem sido reunir sonhos de pessoas dos mais diferentes lugares e culturas. Apostando na articulação entre experiência subjetiva, política, arte, psicologia social, literatura e outras linguagens, *O Onírico* produz matérias jornalísticas a partir dos sonhos enviados por colaboradores. Atualmente contamos com mais de mil assinantes, que recebem gratuitamente as edições de forma impressa e também digital. Cada edição possui uma tiragem de mil exemplares, distribuída a diferentes regiões do Brasil. Apostamos que, ao dar visibilidade às narrativas oníricas, essas sirvam como chaves de leituras para os acontecimentos políticos e sociais, sobretudo os brasileiros. Por meio de sátiras, narrativas e ilustrações, dá-se a construção de uma espécie de cartografia onírica do nosso tempo, dando a ver e a ler o que está a acontecer quando fechamos os olhos

e dormimos, acontecimentos imersos ao que nos transpassa, mas que não recebem o tratamento adequado por parte de nós mesmos.

### Oficinando sonhos

Oficinar é um neologismo, e sua conjugação assume que a pesquisa, para nós, implica algo de novo, de inventivo; ‘comporta o desejo de compor, juntos, um comum’ através da passagem pela experiência. De tal modo, é conjugado na primeira pessoa do plural, NÓS, que, ao parafrasearmos Bruno Latour, podemos dizer: *oficinamus, ergo sumus!* Pensamos, logo embarcamos juntos em um mundo a compor (Milmann; Araújo; Fröhlich, 2023, p. 167).

Iniciamos esta seção com a citação acima para afirmar a importância de experiências coletivas que se dão por meio de oficinas. A ideia de um *oficinar* nos agrada, um verbo que parece melhor respon-

der às tantas coisas que passam e se passam entre os participantes de uma oficina. Trata-se de experiências que, embora tenham um propositos ou propositores, são eminentemente coletivas. São movimentos que produzem, em conjunto, um material a partir do que Baremblytt (1992) chama de atravessamentos e transversalidades, processos de fechamento e abertura que se dão quando um determinado grupo de pessoas é colocado em movimento. Falamos de encontros de corpos e também de encontros linguageiros, encontros que só encontram palavras quando ditos ou escritos a partir de agenciamentos máqunicos de enunciação (Moehlecke, 2012, p. 166). Trazendo a questão para o universo onírico, é no encontro com o outro que podemos promover uma comunidade sonhadora, despir-nos das amarras da vigília e propor um lugar seguro para construir um coletivo sonhador. Para nós, o caminho do encontro pela oficina foi aquele em que melhor conseguimos proliferar nossa ideia de uma comunidade que sonha, do oficiar também como lugar acadêmico de pesquisa e extensão, conjugado a partir da tríade planejamento-método-disponibilidade. Entendemos o oficiar como o movimento de produção de singularidades no coletivo e vice-versa, um movimento de recuo e expansão que caminha na promoção de um comum.

O oficiar pode se constituir como ferramenta para o pesquisador, no momento que extraímos, da experiência múltipla, uma singularidade colocada em sentido e variação. Uma narrativa, ao encontrar um pequeno caos, desfaz-se de saberes prévios e goza de uma pequena liberdade, o risco de uma análise em proliferação (Moehlecke, 2012, p. 166).

No que diz respeito ao oficiar no contexto da oficina onírica, diríamos que tal verbo é conjugado pelo respeito aos sonhos e aos sonhadores que dela fazem parte, fermentando narrativas e fomen-

tando a escrita como criação. Falamos em uma brincadeira séria de devanear em busca de uma liberdade, afinal, “que outra liberdade psicológica possuímos, afora a liberdade de sonhar?” (Bachelard, 1988, p.95). Há caminhos já trilhados para oficiar, mas é com a cartografia que damos as mãos para traçar os próprios mapas. Sensíveis ao processo, ativamos os sentidos de cartógrafo, como bem nos diz Pozzana (2014, p.63):

Cartografar é conectar afetos que nos surpreendem e, para tanto, na formação do cartógrafo é preciso ativar o potencial de ser afetado, educar o ouvido, os olhos, o nariz para que habitem durações não convencionais, para além de sua função sensível trivial, ativando algo de suprassensível, dimensão de virtualidade que só se amplia à medida que é exercitada. O cartógrafo, assim, vai criando corpo junto com a pesquisa.

Desse modo, formamo-nos junto com o produto. O coletivo que se forma tem uma forma única, forma esta que somente se torna possível pela autorização dos sentidos que, se bem cuidados, conseguem apreciar o processo de construção de um jornal de sonhos, de modo a senti-los quase palpáveis na escrita e na troca. Trata-se de desbravar caminhos possíveis do sonhar, para que – de olhos abertos ou fechados – reservemos ao mundo uma pequena parcela de impossível radicalizada por meio dos sonhos.

### O que se passou?

Alguma coisa aconteceu ou alguma coisa acontecerá podem designar, por sua vez, um passado tão imediato, um futuro tão próximo que não se distinguem (diria Husserl) das retenções e protensões do próprio presente (Deleuze; Guattari, 1996, p.64).

Contamos um pouco da trajetória do jornal *O Onírico* para chegar ao tema deste artigo, que trata de um relato de experiência. É válido dizer que nossa equipe não atua apenas na produção de edições anuais do periódico - as quais exigem longos processos de reflexão, elaboração conjunta e coordenação de etapas -, como também promove oficinas e laboratórios envolvendo o compartilhamento de sonhos. Contaremos, então, o que se passou no desenrolar de uma oficina realizada em 8 de novembro de 2023 no 24º Salão de Extensão da UFRGS.

Inicialmente, a estimativa era de acolher até quinze participantes, tendo em vista a capacidade suportada pelo espaço e a disponibilidade de materiais (colas, tesouras, canetas, papéis, recortes e revistas). Contávamos com uma mesa extensa, com cadeiras dispostas ao seu redor e sobre a qual estavam os utensílios artísticos. No entanto, a atividade contemplou 20 participantes, que se envolveram e engajaram na proposta.

A proposição da oficina, que envolvia a produção coletiva, convocou as(os) participantes a interagir por meio dos seus sonhos. Brincando com relatos, retalhos, recortes, desenhos e fragmentos literários, osicineiros possuíam a missão de, no período de uma hora e meia, produzir manchetes oníricas (em pequenos grupos, duplas ou trios) para, posteriormente, reuni-las em uma edição especial do jornal *O Onírico*, feita inteiramente de colagens analógicas.

### **Passo-a-passo para um jornal *Onírico* instantâneo**

Com o intuito de tornar a oficina mais compreensível ao leitor – e, quiçá, para inspirar e materializar propostas semelhantes –, apresentamos um passo a passo de como foi produzir o jornal junto com os participantes.

### **PASSO 1: Disposição dos materiais**

Para começar, uma folha de jornal em branco apenas com o cabeçalho do título “*O Onírico* - edição especial”. De recortes de jornais cotidianos jogados (imagens vivas) pelos vãos. Entres. Respiros. Matérias para uma percepção, de onde fazemos outras, reunidos para gerar um manifesto viral. A vida como montagem. A textura do jornal vai além da tela lisa dos computadores. A percepção é tomada pela invasão de informações descompassadas que chegam e atordoam nossos sentidos. Para esta oficina propusemos a utilização do método do *cut-up* criado por William Burroughs, que tem por objetivo recortar partes/trechos de algum material que chame a atenção, e rearranjar o mesmo (Diógenes, 2012) na tentativa de produzir coletivamente uma página de jornal.

Consistindo basicamente, inicialmente, de uma metodologia de recorte, remistura e hibridização de diversas fontes textuais, previamente existentes, selecionadas das mais diferentes proveniências (obras literárias, jornais, a Bíblia, tratados médicos, canções pop, gravações ao acaso, discursos televisivos, os próprios escritos de Burroughs, etc.), a prática do *cut-up* acabou por constituir, para Burroughs, uma espécie de verdadeiro mecanismo literário - aqui definido em termos de uma *writing machine* (máquina de escrita) conceitual -, levando-o à produção, ao longo da década de 1960, de inúmeros outputs textuais (Diógenes, 2012, p. 347).

A ideia por trás do *cut-up* é desafiar a estrutura convencional da linguagem e explorar novas formas de expressão. Ao cortar e manipular o material, pode-se descobrir novas conexões e significados, criando assim uma obra que é, ao mesmo tempo, familiar e inusitada. Além de uma ferramenta criativa, o *cut-up* também tem sido visto como uma forma de crítica social e cultural. Ao desmontar e ressigni-

ficar conteúdos existentes, os indivíduos podem questionar as estruturas de poder e as normas sociais representadas na linguagem. Essa técnica oferece uma oportunidade de expressão artística acessível e inclusiva, pois não exige habilidades artísticas avançadas nem materiais dispendiosos.

De acordo com Weida (2012, p.4-5), a publicação independente aborda assuntos políticos de maneiras mais radicais e engajadas do que *blogs*. “Essa cultura talvez sobreviva mais que outras mídias impressas que se tornaram digitais, pois continuam a fornecer textura, cor e formatos que só podem ser percebidos no contato físico com o objeto feito à mão” (tradução nossa). O encanto de criar tais composições se deve ao trabalho manual meticuloso necessário para sua elaboração. Em uma cultura que celebra a comodidade e o imediatismo, a opção por um processo deliberadamente confuso, ineficiente e trabalhoso pode parecer contraintuitiva, mas é justamente tal complexidade que torna a prática tão catártica e inspiradora. Além disso, o ato físico da criação nos coloca presentes em nossos corpos – um local de cuidado e prazer –, assim como o ato de ler parece fazer o mesmo ao leitor.

#### PASSO 2: Apresentação do *O Onírico* e dos sonhadores-oficineiros

Demos início à oficina apresentando *O Onírico*: de onde surgiu, como é produzido, quais mãos e mentes estão por trás, como é distribuído, para que serve, etc. Comentamos brevemente sobre cada uma das edições do jornal, explicando seus temas, inspirações e participações, mostrando suas capas e lendo algumas de suas manchetes.

Em seguida, a equipe do *O Onírico* e os participantes sentaram-se nas cadeiras dispostas em círculo. Foi o momento de todos se apresentarem, não apenas dizendo seu nome, sua idade e seu curso de graduação ou profissão, mas fazendo-se conhecer pelo comparti-

lhamento de um conteúdo frequentemente presente em seus sonhos. Pudemos expressar e saber, em poucas palavras, o que sonhar significava para cada um.

#### PASSO 3: Proposta: oficina e escrita dos sonhos de forma individual

Ainda em círculo, anunciamos a todos a proposta da oficina: confeccionar um jornal coletivamente, utilizando colagens que tratariam dos sonhos dos sujeitos ali reunidos. Para tanto, pedimos que escrevessem algum sonho vivido ou inventado em um pequeno pedaço de papel. Este foi um momento que suscitou perguntas do tipo: “Como devo escrever?”; “Escrevo em primeira ou terceira pessoa?”; “Qual o tamanho do texto?”; “Vale qualquer tipo de sonho?”. Como respostas a estas perguntas dizíamos que a liberdade é o que deveria contar.

#### PASSO 4: Divisão em grupos e distribuição aleatória dos sonhos

Devido ao elevado número de participantes – superior ao de inscritos previamente pelo site do evento –, foi preciso reuni-los em pequenos grupos, a fim de que dividissem os materiais disponíveis. Para cada subgrupo distribuímos colas, tesouras, revistas, lápis, canetas e uma folha de papel dobrada ao meio, de modo que, suas quatro faces (considerando frente e verso) correspondessem a quatro folhas do periódico que se pretendia produzir. Em seguida, embaralhamos os papéis contendo os relatos oníricos dosicineiros e pedimos para que as pessoas, aleatoriamente, pegassem um deles para si.

#### PASSO 5: Leitura dos sonhos sorteados e elaboração de manchetes

Cadaicineiro, em posse de um papelzinho com o sonho de outra pessoa, leu o conteúdo para seu pequeno grupo. Juntos, tiveram a missão de pensar em uma manchete, ao estilo jornalístico, que resumisse cada um dos sonhos que possuíam em mãos.

**PASSO 6: Confeção manual das páginas a partir de colagens**

Após decidirem pela manchete que representaria cada sonho, os grupos precisaram – durante cerca de 20 minutos – usar e abusar de sua criatividade e de seu senso estético para confeccionar as páginas do periódico, as quais deveriam exibir a manchete e colagens que ilustrassem o sonho noticiado.



Figura 3: detalhe da oficina. Fonte: Autoria da equipe do *O Onírico*

**PASSO 7: Confeção da capa e reunião das páginas formando o jornal**

Enquanto os demaisicineiros realizavam a etapa acima, nós, membros do *O Onírico*, produzíamos a capa do jornal. Com ilustrações recortadas de diferentes materiais impressos (revistas, jornais e folhetins do próprio Salão de Extensão), construímos a capa da edição especial. Ao passo que os grupos finalizavam a atividade, passávamos para recolher as páginas produzidas e, na sequência, íamos agrupando-as até o jornal tomar forma. Por fim, anexamos a capa e pedimos para que todos os sonhadores-oficineiros assinassem seu verso.

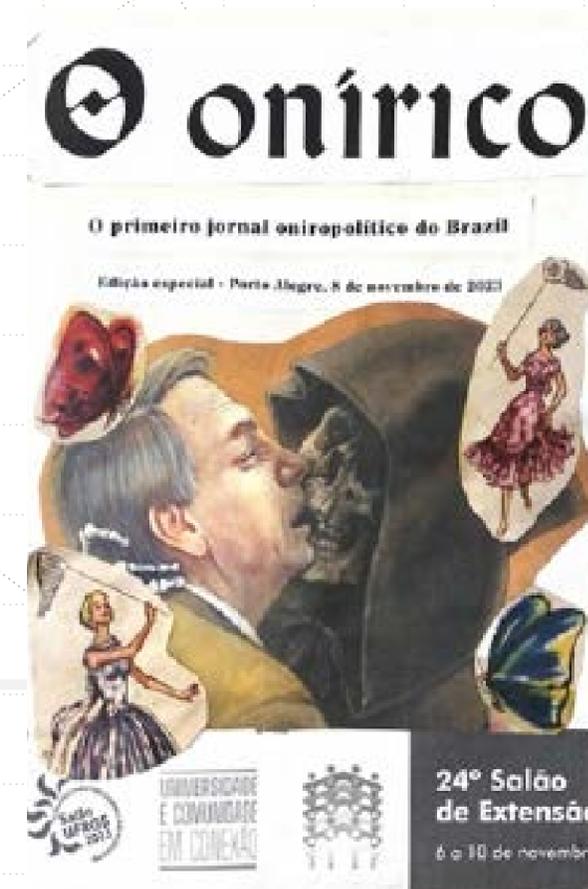


Figura 4: Capa da edição especial. Fonte: Autoria da equipe do *O Onírico*

**PASSO 8: Leitura coletiva do material produzido**

Novamente em roda, sentamo-nos para compartilhar impressões acerca do produto final, que contou com 22 páginas, a contar a capa. O jornal era passado de mão em mão, sendo suas manchetes lidas em voz alta - sempre antecedidas do *slogan* “extra, extra!”.

**PASSO 9: Digitalização e compartilhamento do documento final**

Em uma planilha, anotamos os e-mails dos participantes. Alguns dias depois, digitalizamos o jornal e enviamos a todos uma cópia. Além disso, entregamos a cada um a terceira (e, até então, última) edição do *O Onírico*, como lembrança e como agradecimento pelo envolvimento na atividade.

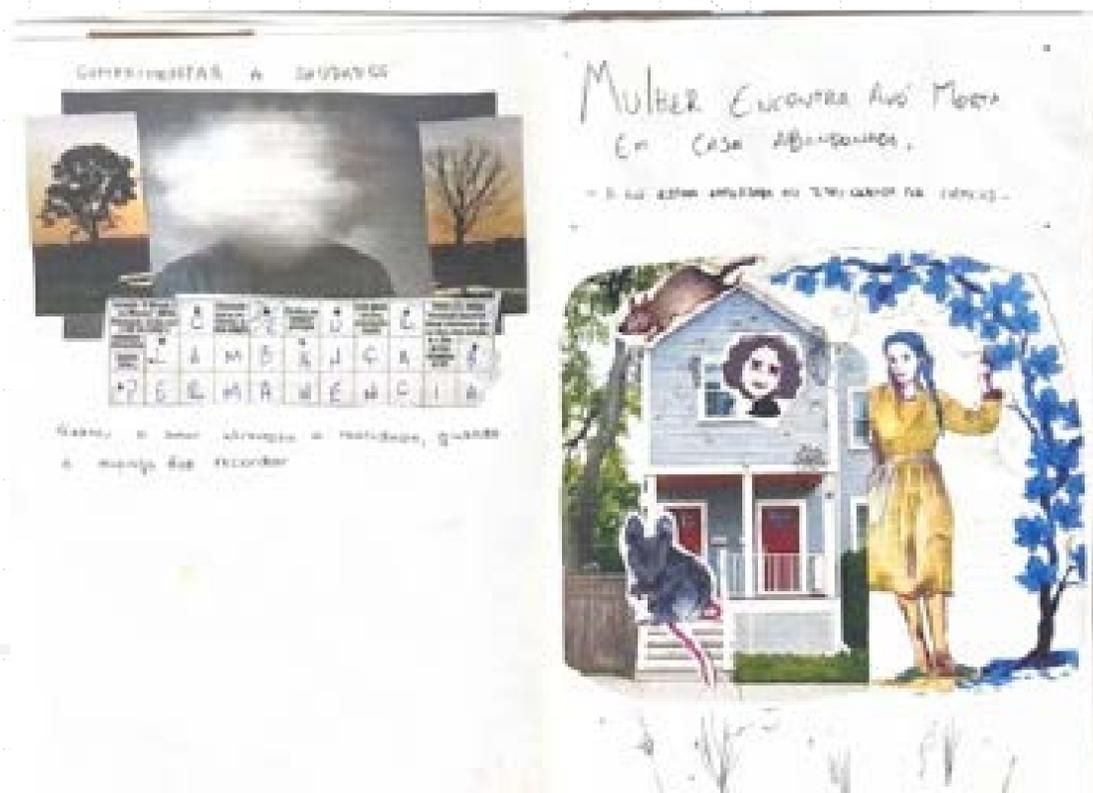


Figura 5: Páginas do jornal. Fonte: Autoria da equipe do *O Onírico*

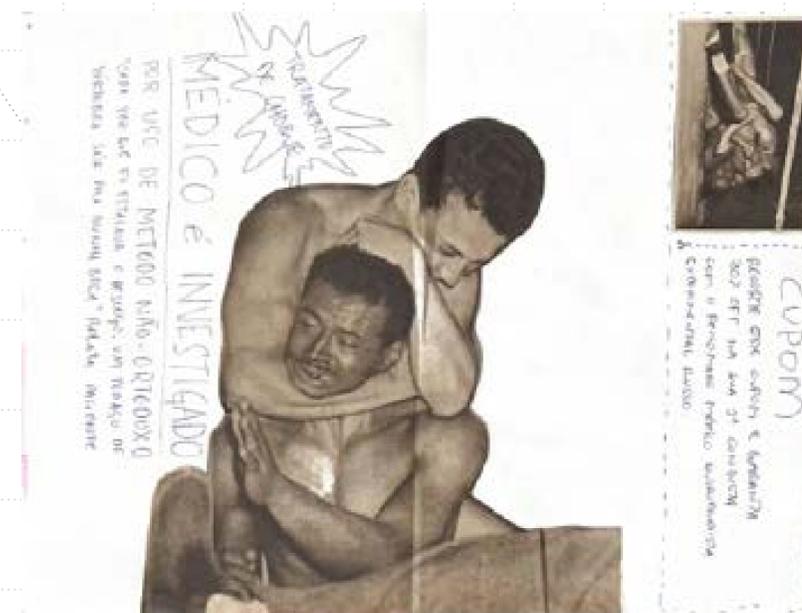


Figura 6: Página central do jornal. Fonte: Autoria da equipe do *O Onírico*



Figura 7: Páginas do jornal. Fonte: Autoria da equipe do *O Onírico*

### Considerações sobre a oficina

Desde o momento inicial, a experiência da oficina não cessou de nos surpreender positivamente. Consoante mencionado acima, estimou-se, em um cenário otimista, o comparecimento de cerca de quinze participantes. A atividade, de fato, começou tímida; à medida que os oficineiros chegavam, os alocamos em torno de uma mesa redonda, a qual continha, em seu centro, os materiais destinados à produção das colagens. Beirando o horário marcado para iniciarmos, no entanto, recebemos muitas pessoas; desde convidados, leitores e admiradores virtuais do *O Onírico*, até passantes desavisados que, por obra do acaso, encontraram-nos ali naquele momento. Em face da chegada de mais de vinte sonhadores-oficineiros, fomos impelidos a alargar os limites físicos e simbólicos da pequena sala onde nos reuníamos, criando espaço e tempo para sonhar um pouco mais. Buscamos por mais mesas e cadeiras, multiplicamos os papéis e dividimos os materiais, de modo a tornar possível e proveitosa aquela criação (tão) coletiva.

A recepção dos participantes deu sequência a um momento de apresentação – tanto do jornal *O Onírico*, quanto do mundo onírico singular de cada sonhador ali presente. Ante a pergunta “pra ti, o que é sonhar?”, abriram-se as fronteiras que, outrora, separaram as imagens noturnas e a vigília, e passamos a sonhar acordados. Veio à luz uma multiplicidade de temas, histórias e modos de se relacionar com as próprias produções oníricas; naquele momento de compartilhamento, nossos sonhos deixaram de ser só nossos e passaram a pairar sobre o grupo. Sonhamos com o ordinário e com o fantasioso, com o medo e com a liberdade, com o passado e com o futuro, com o nascimento e com a morte. Sonhamos sonhos nossos, e sonhamos sonhos dos outros. Sonhamos juntos, e juntos, desatamos mais uma linha: a linha que apartava o singular do coletivo, isolando a potência

do sonhar no interior daquilo que se costuma chamar de indivíduo.

Nessa oficina, até mesmo aquilo que, de início, havia sido previamente pensado como atividade individual se tornou fazer coletivo. Vimo-nos, mais uma vez, alegremente surpresos diante do engajamento dos sonhadores-oficineiros na tarefa proposta. Em resposta aos inúmeros pedidos por mais tempo para completá-la, acabamos por ceder a todos alguns minutos além do prazo previsto; infelizmente, a oficina teve curta duração e o grupo precisava deixar a sala ao fim do horário estipulado, razão que levou alguns dos participantes a apressarem o próprio processo criativo.

As limitações de ordem prática, contudo, em nada diminuíram a enorme potência subversiva da atividade. Ora, o compartilhamento de um sonho próprio com o coletivo; a tomada dos relatos oníricos daí advindos como matéria-prima para o fazer artístico e jornalístico; e a leitura das colagens produzidas em tom de manchete jornalística, gênero literário caracterizado pelo tratamento de “fatos”, provocam, no mínimo, o abalo de algumas certezas. O que é individual, e o que é coletivo? Em que ponto acaba a realidade e inicia a ficção? Será que nosso mundo interno é que compõe o cenário externo, ou o que vem de fora é que influencia o que vemos por dentro? Como saber se estamos acordados, sonhando, ou sonhando acordados? A todas essas questões, propomos, como resposta, uma outra pergunta: por que não brincar com estes limites?

Extra! Extra! “Com morangos no lugar de cogumelos, mundo pode estar dentro de Toddynho!” Extra! Extra! “Moça delivery de cheesecake voa em Porto Alegre.” Extra! Extra! “Hackers atacam novamente. Dessa vez o alvo é outro: psicanalistas.” Extra! Extra! “Nova oferta Zaffari: na quebra de uma unidade de garrafa de vinho, as demais também poderão ser quebradas!” Estas poderiam ser, facilmente, manchetes do jornal *Correio do Povo* de hoje, mas são produções

extraídas da edição especial do *O Onírico*, confeccionada naquela tarde de 8 de novembro de 2023. Brincadeiras à parte, nós, os sonhadores – tanto membros do *O Onírico* como oficinairos presentes no encontro – chegamos ao final da atividade ansiando por mais cinco minutinhos de sono. Desejosos de esticar o tempo e o espaço para sonhar, durante a noite e à luz do dia, questionamos: por que não o sonho, mesmo?

### **Para concluir**

A realização da oficina inaugurou uma jornada de questionamentos sobre a natureza da realidade, da consciência e do tempo dedicado ao mundo onírico, em oposição às sufocantes demandas da vida contemporânea. Explorando o campo onírico, instiga-se a repensar o significado do “real”, refletindo acerca da importância do sonho e do descanso. É urgente resgatarmos um espaço para nos permitirmos descansar, e assim, darmos valor à experiência de sonhar. Ao deslocarmos nosso olhar para o mundo onírico, podemos encontrar uma maneira de explorar as profundezas da experiência humana, investigando não apenas as luzes, mas também as sombras que habitam a consciência. O sonho, assim como a poesia e a arte, é muitas vezes relegado à margem da utilidade em uma sociedade que valoriza a produtividade acima de tudo.

Por exemplo, um dos sonhos compartilhados descrevia uma cidade submersa, com pessoas vivendo sob a água como se fosse o mais natural dos ambientes. Esse sonho foi interpretado pelos participantes como uma metáfora para o sentimento de afogamento diante das crises ambientais e da negligência política. Outro sonho recorrente envolvia figuras de autoridade que se transformavam em animais de circo, refletindo uma crítica direta aos abusos de poder e à instabilidade política.

Esses não são, de modo algum, exemplos isolados da irrupção de acontecimentos coletivos em um mundo onírico, supostamente, singular. Ainda que o individualismo impere, em maior ou menor grau, sobre as culturas ocidentais, produzindo uma cisão radical entre o conteúdo subjetivo de cada um e a dita realidade objetiva que nos enreda, basta que deitemos a cabeça sobre o travesseiro para ver ruir a ficção do indivíduo; afinal, ainda sonhamos em conjunto, sonhamos em um mesmo mundo. Ora, que atire a primeira pedra o cidadão global que não teve ao menos uma noite de sono sufocada por pesadelos durante a pandemia de COVID-19; o brasileiro que não teve o próprio descanso tumultuado por embates políticos oníricos nas noites de 2022, ano eleitoral; ou então, o gaúcho que, durante o período de enchente, não sofreu com “sonhos submersos”.

O jornal *O Onírico* vem, nesse sentido, para atestar o caráter real e coletivo do sonhar. Sonhos envolvendo figuras políticas, greves na universidade pública, artistas marcantes no imaginário popular brasileiro e catástrofes climáticas nos mostram que há um inconsciente compartilhado, constituído de fragmentos do nosso tempo, do nosso território e da nossa história. Que o mundo onírico singular de cada um é, também, comum a todos, e merece ser partilhado, tecido em conjunto, sonhado junto. Que sonhos são, sim, matéria de notícia, e assim o foram em nossa oficina.

Por meio da experiência coletiva de oficinas, produziram-se experiências que perpassam por atravessamentos e transversalidades, como citado por Baremlitt (1992). Foi no encontro com o coletivo que emergiu o compartilhamento de fragmentos oníricos, quando se pode promover uma comunidade sonhadora, despindo-se das amarras da normatividade do mundo real. Por meio da extensão universitária foi possível realizar uma oficina onírica também como lugar acadêmico, produzindo o entrelaçamento entre o singular do sujeito e o

coletivo acadêmico-social. Nesse movimento, foi-se produzindo um comum, uma experiência e um produto coletivos.

## REFERÊNCIAS

ABENSHUSHAN, Vivian. **Notas sobre os doentes de velocidade**. Caderno de Leituras n.105. Belo Horizonte: Edições Chão de Feira, 2020. Disponível em: [https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2020/05/cad105-vivian-abenshushan-notas\\_sobre\\_os\\_doentes\\_de\\_velocidade.pdf](https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2020/05/cad105-vivian-abenshushan-notas_sobre_os_doentes_de_velocidade.pdf). Acesso em: 28 mar. 2024.

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Editora Argos, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

CRARY, Jonathan. **24/7** – Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DIÓGENES, P. C. R. Sobre Máquinas de Escrita e Remistura: o Método *cut-up* de William Burroughs. In: **Estudos de Linguagem e Cultura**. v 13. nº 25. 2012. p. 343-370. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/7745>. Acesso em: 25 mar. 2024.

FRAGA, Eudinyr. **Qorpo Santo**: surrealismo ou absurdo?. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros**: Uma etnografia dos sonhos yanomami. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MILMANN, Elaine. ARAUJO, Fernando. FRÖLICH, Cláudia. Oficinar... Como se conjuga este verbo?. In: MOSCHEN, Simone. FRÖLICH, Cláudia. COSTA, Luciano (orgs). **Com quantos verbos se faz uma pesquisa?** Florianópolis: Abrapso Editora, 2023, p.167-191. Disponível em: [https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2023/10/Com\\_quantos-verbos-se-faz-uma-pesquisa.pdf](https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2023/10/Com_quantos-verbos-se-faz-uma-pesquisa.pdf). Acesso em: 20 mar. 2024.

MOEHLECKE, Vilene. Oficinar. In: FONSECA, Tania. NASCIMENTO, Livia. MARASCHIN, Cleci (orgs). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012, p.167-170.

PATZDORF, Danilo. **Como descansar o indescansável?** Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados. Montevideu: Microutopias, 2022.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 25, n. 2, p. 323–338, 11 maio 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/KqsStJnY3bfNNTXJsXwLzWd/#:~:text=O%20cart%C3%B3grafo%20se%20faz%20por,da%20varia%C3%A7%C3%A3o%20e%20das%20diferen%C3%A7as>. Acesso em: 15 mar. 2024.

RIBEIRO, S. **O Oráculo da Noite**: A História e a Origem do Sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WEIDA, Courtney. Counterculture, Craftsmanship, and Cyberspace Connectivity: Considerations of Contemporary Feminist Zines in/as/of Art Education. In: COLLINGWOOD, Sharon. QUINTANA, Alvina. SMITH, Caroline (orgs). **Feminist Cyberspaces**: Pedagogy in Transition. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2012, p.33-50. Disponível em: <https://web.mit.edu/comm-forum/legacy/mit7/papers/MIT7Weida.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.